

Fiesp: eleito deve agir rápido

ROBERTO CUSTÓDIO
Da Sucursal

São Paulo — O presidente eleito precisa participar do processo de administração do País no período entre a eleição no segundo turno e sua posse, três meses mais tarde, para evitar o aprofundamento da crise econômica que pode jogar o País no caminho da hiperinflação. O pedido foi feito ontem pelos empresários dos setores industrial, agrícola, financeiro e do comércio, durante reunião do Conselho Superior de Economia da Fiesp para avaliação da conjuntura do País.

"O presidente, seja ele quem for, deve ser informado e dar sua opinião em todas as medidas importantes que o atual Governo, em fim de mandato, pretender tomar, para evitar que as expectativas pessimistas descontrolam a economia, e a inflação entre em escala de aceleração", afirmou o diretor do Departamento de Economia da Fiesp, Walter Sacca, nomeado porta-voz do encontro.

Participaram da reunião os empresários Abílio Diniz, do grupo Pão de Açúcar, Abram Szamán, da Federação do Comércio de São Paulo, Flávio Telles de Menezes, da Sociedade Rural Brasileira, Mário Amato, presidente da Fiesp, Paulo Cunha, do Grupo Ultra, além dos economistas Paulo Nogueira Batista Júnior e Paulo Rabello de Castro.

Segundo Sacca, os empresários querem que o próximo presidente explicita, logo após sua eleição, os seus projetos para a economia do País, e não fique omissa no período considerado como "buraco negro", que vai do dia da eleição, no segundo turno, até 15 de março. Se ele não deixar claro logo o que pretende fazer dentro de seu programa de ajuste da economia, ele só criará mais problemas que, no final das contas, terá de resolver assim que assumir", disse. Uma forma de reduzir os riscos desse período seria o trabalho conjunto da equipe econômica do próximo governo com os atuais ministros da Fazenda e do Planejamento, que se comprometeram a passar todas as informações da administração ao sucessor de Sarney.

Outra preocupação demonstrada pelos empresários se refere às expectativas que estão sendo criadas junto à população de que o novo presidente vai resolver todos os problemas do País, logo depois de sua posse. "Isso é irreal. Não tem bom senso. O presidente vai perder alguns dias para encontrar sua cadeira, onde estão os documentos e até para achar o banheiro", brincou.

Sobre a conjuntura econômica deste final de governo, os empresários e economistas concluíram que não há razão concreta nem racional para se esperar o agravamento do quadro de inflação, em razão das medidas que estão sendo tomadas pelo ministro da Fazenda, Mailson da Nóbrega. Os problemas podem acontecer, segundo Sacca, pelos fatores psicológicos, subjetivos, que envolvem o processo eleitoral.

MARCOS HENRIQUE



Ao discursar na passagem do Centenário da República, o senador Nelson Carneiro aproveitou para defender o parlamentarismo